

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**



**FALAS DO COMPLEXO DE FAVELAS DA MARÉ:  
A ANÁLISE DE QUEM VEM SOBREVIVENDO**

**BRENO LAERTE PACÍFICO PINTO**

**RIO DE JANEIRO**

**2023**

**FALAS DO COMPLEXO DE FAVELAS DA MARÉ:  
A ANÁLISE DE QUEM VEM SOBREVIVENDO**

por

Breno Laerte Pacífico Pinto

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura de Letras - Português com Literaturas Brasileiras.

Orientador: Drº João Camillo Barros de Oliveira Penna

**RIO DE JANEIRO**

**2023**

## AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, quero agradecer meus pais, Bruno e Dona Bárbara, por me darem amor e carinho e serem os agentes principais do homem que me tornei. Por mais que muitas vezes tivéssemos momentos de discordância, tudo foi essencial para eu chegar até aqui hoje.

Agradeço ao meu orientador, João Camillo Penna, por ter me acompanhado desde o início da minha trajetória na graduação. Lembro que a minha primeira aula foi com o senhor e bastou aquele brilhante encontro para me apresentar Antonio Candido e entender que a literatura vai muito além da leitura de uma obra, mas sim é capaz de confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater, é com ela que somos capazes de viver dialeticamente os nossos sentimentos.

Outros professores também foram figuras centrais para a minha formação. Agradeço a professora Vanessa Menezes de Andrade por racializar ainda mais o meu saber acadêmico. Agradeço a professora Mariana Patrício por me apresentar a escritora Carolina Maria de Jesus e por me fazer ainda mais pertencente à universidade. Agradeço ainda às professoras Aline Ponciano, Cinda Gonda, e por me fazerem enxergar que trabalhar na área de linguagens vai muito além da sala de aula, que é preciso trabalhar com fundamentação teórica, paixão e resiliência para enfrentar o sucateamento e desvalorização no ensino e pesquisa. Agradeço a todos os funcionários terceirizados da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em especial do prédio da Letras, vocês que são o coração da instituição, sem vocês não andamos.

Muito obrigado a minha companheira Victória Guimarães, jamais esquecerei o carinho e a inspiração que você me dá todos os dias. Agradeço aos amigos da faculdade (e da vida) por estarem comigo na sala de aula, nos corredores da faculdade, nos momentos de almoço e, é claro, na mesa de bar. À amiga Victória Versari, por me ouvir e me fazer sorrir nos momentos que mais precisei. Ao amigo Mario Afonso deixo o meu agradecimento e o sentimento de saudade, mesmo longe você sempre estará presente no meu coração. A querida Bruna Damiana, por ser uma grande inspiração na trajetória acadêmica e sempre me incentivar a não desistir. Agradeço também ao excelente casal que me ajudou custeou as passagens para pesquisa de campo no Capão Redondo, em São Paulo, obrigado, Nanda Prado e Felipe Curvelo. Obrigado a todos!

Por fim, deveria agradecer ao Complexo de Favelas da Maré, mas me faltam palavras para expressar o sentimento de carinho que tenho por esse lugar e a todos os moradores que o habitam. Esse território me formou e vem me formando até hoje. É lá que nasci, cresci e dei a

minha primeira aula, fundei a ONG que tenho orgulho de participar. Essa vitória também é sua, Maré.

*Aí, maloqueiro, aí, maloqueira  
Levanta essa cabeça  
Enxuga essas lágrimas, certo? (Você memo)  
Respira fundo e volta pro ringue (vai)  
Cê vai sair dessa prisão  
Cê vai atrás desse diploma  
Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?  
Faz isso por nós  
Faz essa por nós (vai)  
Te vejo no pódio*

Emicida

## RESUMO

O presente trabalho visa investigar, por um viés analítico, os impactos da violência armada no Complexo de favelas da Maré, por meio de dados e enunciados coletados junto a três jovens inseridos no contexto de narcotráfico, pertencentes a uma das facções atuantes da região. Os dados e testemunhos aqui analisados têm por objetivo questionar o fato da violência criminal e policial como um todo. Os testemunhos expressam intensa preocupação com algumas de suas manifestações, sobretudo aquelas que impedem o prosseguimento das rotinas diárias dos moradores pertencentes a este território. Este estudo aborda a maneira como esses sujeitos foram afetados, o que os levou ao envolvimento com o narcotráfico e traça um panorama dos impactos que afetam as subjetividades que vivem o cotidiano da rotina armada. O foco na análise dos enunciados do grupo de traficantes, entendido como protagonistas da opressão do Estado, é uma premissa essencial à pesquisa, que aposta na legitimidade dessas narrativas, à margem do cânone literário acadêmico. Elas têm forte influência na reflexão e posicionamento críticos do trabalho a respeito dos corpos que transitam nas favelas e suas interações sociais. Buscamos com esta análise demonstrar que as facções criminosas não são os únicos *vilões* da onda de violência e outras mazelas pandêmicas que alastram a sociedade brasileira, mas sim que há outros agentes responsáveis e embutidos nesse meio.

**Palavras-chave:** facção, Maré, favela, Complexo da Maré, narcotráfico, Racionais MC's e literatura.

## **ABSTRACT**

The present work aims to investigate, through an analytical approach, the impacts of armed violence in the Complexo de favelas da Maré. To do so, we collected data and statements from three young people in the context of drug trafficking, members of one active criminal gang in the region. The analysis of the data and testimonies aims to raise queries about criminal and police violence as a whole. The testimonies express intense concern with some of its manifestations, especially those preventing the continuation of the daily routines of the territory inhabitants. This study addresses how these subjects were affected by the violence, what led them to become involved in drug trafficking, and portrays an overview of the impacts and subjectivities that permeate the daily armed violence routine. Operating such a group of dealers as protagonists in the discussion about State oppression is essential to the scholarly work, considering such narratives – usually excluded from the academic literary canon – have legitimacy and strong influence for critical reflection and positioning regarding the bodies that transit in the favelas and their social interactions. With this analysis, we seek to demonstrate that criminal factions are not the only villains in the wave of violence and other pandemonic ills that spread in Brazilian society but that other agents are responsible and embedded in this environment.

**Keywords:** Criminal gang, *favela*, Complexo da Maré, drug trafficking, Racionais MC's. literature.

**SUMÁRIO**

<b>1.INTRODUÇÃO</b>	8
<b>2.APRESENTAÇÃO DO COMPLEXO DE FAVELAS DA MARÉ</b>	11
<b>2.1.A MARÉ E A DISTRIBUIÇÃO DA VIOLÊNCIA ARMADA</b>	13
<b>3.METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	15
<b>4.NÓS QUE PASSA A VISÃO</b>	16
<b>5.RACIONAIS NA VIDA DELES</b>	23
<b>5.1.A MÚSICA CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 3</b>	25
<b>6.CONCLUSÕES</b>	26
<b>REFERÊNCIAS</b>	30



## 1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem forte ligação com o percurso político e profissional que escolhi para minha vida. Percurso este marcado pela necessidade de evidenciar dados para apontar problemas e resolvê-los dentro de espaços que cotidianamente vivem escassos de quaisquer políticas públicas. Fazer uso da construção de sentidos, elementos coesivos e operadores argumentativos da perspectiva teórica, para englobar o debate sobre segurança pública, visando a denúncia do esforço permanente do Estado de colocar moradores da favela na linha de tiro, torna-se mais que necessário para dar visibilidade às demandas locais e reafirmar a conquista dos moradores dos seus próprios direitos.

Contudo, antes de passar adiante, faz-se necessário trazer o conceito de favela abordado neste estudo de SILVA (2009, p.22-23), que aponta que a existência da favela está relacionada: a) insuficiência histórica de investimentos do Estado e do mercado formal, principalmente imobiliário, financeiro e de serviços; b) Forte estigmatização socioespacial, especialmente inferida por moradores de outras áreas da cidade; c) apropriação social do território com uso predominante para fins de moradia; d) ocupação marcada pela alta densidade de habitações; e) indicadores educacionais, econômicos e ambientais abaixo da média do conjunto da cidade; f) níveis elevados de subemprego e informalidade nas relações de trabalho; g) taxa de densidade demográfica acima da média do conjunto da cidade; h) ocupação de sítios urbanos marcados por um alto grau de vulnerabilidade ambiental; i) alta concentração de negros (pardos e pretos); j) grau de soberania por parte do Estado inferior à média do conjunto da cidade; k) alta incidência de situações de violência, sobretudo a letal, acima da média da cidade; l) relações de vizinhança marcadas por intensa sociabilidade.

Assim, este trabalho tem como objetivo realizar uma pesquisa qualitativa e quantitativa de excelência acadêmica, que toma como base a análise das falas de 3 jovens (17-21 anos)<sup>1</sup> que vivem dentro do contexto do narcotráfico, inseridos em uma das facções que cercam boa parte favelas da Maré, o TCP (Terceiro Comando Puro). Escolher a Maré como recorte geográfico deste trabalho foi significativo não só por expressar índices populacionais expressivos na cidade do Rio de Janeiro, mas também principalmente por eu ter nascido e sido criado nessa região, e sentir-me totalmente comprometido com as suas causas sociais e políticas. Minha prática se aproxima muito da "escrivência", termo cunhado por Conceição Evaristo, ou seja, a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra dentro das favelas que

---

<sup>1</sup> § 1º Para os efeitos da Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade **entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade** segundo o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

compõem a Maré, somado ainda a minha formação acadêmica enquanto pesquisador de Letras interessado pela área de segurança pública.

Esta pesquisa torna-se importante também por elucidar as causas e as circunstâncias que levam a inserção de jovens aos grupos armados locais, tentando compreender quais as motivações e reais desejos que perpassam esses sujeitos e a maneira como estes fatores sociais atuam sobre a própria identidade desses jovens. Sendo assim, seguindo Veronese (2001), nos aprofundaremos nas “vantagens” rápidas, oriundas da experiência dentro do tráfico que se constrói a partir da negação de direitos, como escola, saúde, família, profissionalização, ou seja, os direitos fundamentais do ser humano que acabam impactando na inserção do adolescente na atividade do tráfico de drogas.

Vale mencionar ainda que a pesquisa procurou integrar o ponto de vista policial da questão, por intermédio de duas visitas ao 22º Batalhão de Polícia Militar. Tentei entrevistar policiais militares ou algum representante da corporação, com a finalidade de extrair suas percepções enquanto agentes de segurança sobre as operações na Maré ou em outra favela na Região Metropolitana do Rio. No entanto, não houve interesse da parte desses agentes de segurança, ou tempo hábil para realizar e incluir essas entrevistas na pesquisa. A necessidade dessa procura foi calcada na visão de Paulo Freire, o qual destaca que pouco adianta olhar somente a violência dos oprimidos sem compreender o início do processo violento do opressor.

Daí que estabelecida a relação opressora, esteja inaugurada a violência, que jamais foi até hoje, na história, deflagrada pelos oprimidos.

Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são resultado de uma violência?

Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão.

Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro (FREIRE, 2015, p.58)

Outro ponto a se considerar, é a consulta de duas bases de dados realizadas por instituições que trabalham com uma cuidadosa metodologia de levantamento e análise de dados sobre violência armada. A primeira é o Instituto Fogo Cruzado que possui uma metodologia própria e inovadora para monitorar tiroteios em tempo real nas regiões metropolitanas do Rio, Recife e Salvador, produzindo ainda mais de 20 indicadores sobre violência armada. E a segunda é o Boletim Direito à Segurança Pública na Maré, produzido pela Redes da Maré, a partir do seu Eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça. Essa instituição vem realizando o projeto "De Olho na Maré" que coleta e sistematiza informações sobre situações de violência nas 16 comunidades da Maré, sobretudo em dia de conflitos armados decorrentes da atual política de drogas e Segurança Pública no país.

É necessário destacar ainda que o tema dessa monografia foi decidido em 2019. No entanto, na época o foco era a literatura marginal, em particular a canção *Capítulo 4, Versículo 3*, do grupo Racionais MC 's, com os integrantes: Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue e KL Jay. Ainda nesse momento inicial da pesquisa, a justificativa da utilização do rap estava relacionada ao projeto de narrar com propriedade a descrição das periferias urbanas em relação ao seu cotidiano e suas vivências. Foi a partir da escuta desse rap, que decidi analisar a escuta que pessoas da própria periferia urbana, no caso, jovens do Terceiro Comando Puro fariam da canção dos Racionais MC's. Eu me encontrava mensalmente com os 3 jovens do TCP para uma entrevista individual sem nenhum material audiovisual (celular, gravador de áudio ou vídeo etc.), dispondo apenas de uma caneta e de um pequeno bloco de anotações. Isso foi um acordo pré-estabelecido com esses jovens, visando uma maior integridade e segurança durante a coleta das respostas.

Foi nesses encontros que eu anotei a interpretação deles da canção e tentei identificar a experiência subjetiva da letra por esses jovens durante a escuta. Como eu não tinha os meios necessários para a reprodução da música, a reprodução acontecia no próprio celular de cada entrevistado através do YouTube. Porém, o resultado desses encontros foi mais impactante do que a própria letra. Relatos de sonhos, desejos, estrutura familiar, necessidade de ostentação, foram tomando uma proporção que precisava de uma maior atenção. Tal resultado sintetizava a tese de Antonio Candido (2000), quando ele afirma que uma obra não é um produto fixo, unívoco, ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro. Aplicando essa tese ao rap podemos concluir sobre a eficiência da forma escutada na realização da música que simultaneamente se revelava ao mesmo tempo em que revelava o próprio leitor a si mesmo.

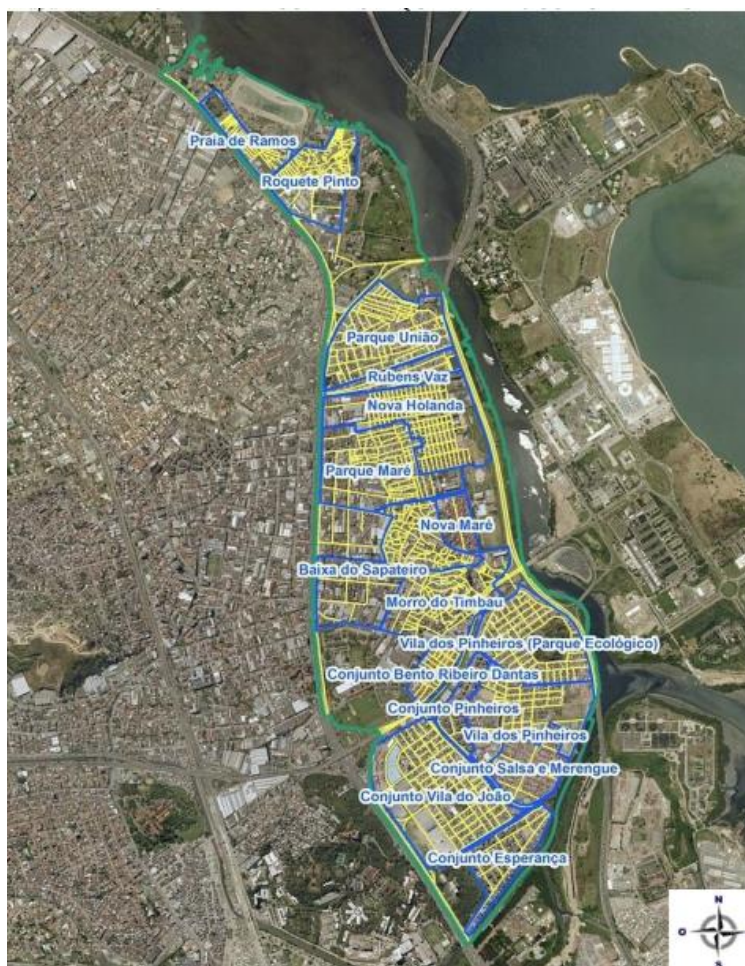
Essa experiência levou-me a abdicar da análise da letra de *Capítulo 4, Versículo 3*, e me fez priorizar a vida e a rotina pessoal desses jovens, tendo como base o material das entrevistas. Para analisá-las esbocei uma metodologia própria, baseada em algum conhecimento que tenho sobre pesquisas quantitativas e montagem de questionários. No futuro me parece que a metodologia mais adequada para realizar o tipo de pesquisa que me interessa fazer seja a Análise do Discurso, que se apresenta como uma área de estudos situada no entremeio das Ciências Sociais e da Linguística Aplicada. De todo o modo, o que tentei fazer aqui foi "ler" as entrevistas e não me limitar apenas ao que os informantes diziam, interessado em identificar a forma com que cada relato funciona e quais são os efeitos de sentido extraídos.

## 2. APRESENTAÇÃO DO COMPLEXO DE FAVELAS DA MARÉ

Segundo o Censo Populacional, organizado pela Redes da Maré, o Complexo de Favelas da Maré lidera o ranking de conjunto de favelas do Rio de Janeiro. Somando aproximadamente 140 mil moradores nas 16 favelas, onde cada localidade carrega com si mesma uma formação histórica específica diferente das demais.

As favelas que constituem o Complexo, separadas em ordem cronológica, são: Morro do Timbau (1940), Baixa do Sapateiro (1947), Marcílio Dias (1948), Parque Maré (1953), Parque Rubens Vaz (1954), Parque Roquete Pinto (1955), Parque União (1961), Nova Holanda (1962), Praia de Ramos (1962), Conjunto Esperança (1982), Vila do João (1982), Vila dos Pinheiros (1983), Conjunto Pinheiros (1989), Conjunto Bento Ribeiro Dantas (1992), Nova Maré (1996) e Novo Pinheiros (2000), esta última conhecida como Salsa e Merengue. A seguir um mapa que ilustra a localidade cada favela:

**Mapa 1 - BAIRRO DA MARÉ COM DESTAQUE PARA AS 16 FAVELAS**



Mapa produzido por Luana Caruso Nóbrega - Programa de Desenvolvimento Local da Maré Rede de Desenvolvimento da Maré/ REDES HTTP: <http://www.redesdamare.org.br/projetos/retrato-da-mare/>

Intitulada de Maré por conta dos mangues e praias que dominavam sua paisagem, a região está localizada entres as três principais vias expressas da cidade do Rio de Janeiro – Avenida Brasil, Linha Amarela (denominada oficialmente Avenida Carlos Lacerda) e Linha Vermelha (oficialmente denominada Via Expressa Presidente João Goulart).

O processo inicial de ocupações foi consolidado no início do século XX, momento no qual grupos de pescadores e comerciantes se estabeleceram e foram atraídos pela Baía de Guanabara, que na época ligava a Avenida Brasil, e os subúrbios ao centro comercial da cidade. Segundo o Censo de 2019, 62,1% dos moradores se declararam como pretos ou pardos e o percentual de moradores que afirma habitar a região desde que nasceu é significativamente expressivo: quase 62%. Por favela, os percentuais da Nova Maré e de Marcílio Dias são impressionantes: respectivamente, 91% e 83% dos moradores vivem ali desde que nasceram. E cabe considerar, ainda, aqueles que nasceram em outra localidade, mas vivem na Maré há décadas. Além disso, aproximadamente 5.808 (25,8%) habitantes são nordestinos, concentração mais expressiva em comparação com a porcentagem de nordestinos na população metropolitana fluminense em geral, onde apenas 9% são nordestinos.

Embora a região tenha sido considerada bairro através da lei Municipal 2.119, em 9 de janeiro de 1994, sendo considerada, portanto, como um local “urbanizado”, ou seja, apresentando uma infraestrutura e serviços públicos adequados para proporcionar o bem-estar da população local, a triste realidade é evidentemente outra. Embora 98,3% das residências possuam acesso à rede de água, as condições sanitárias da água para consumo permanecem instáveis: 8.300 domicílios (17,4%) não utilizam filtro ou água mineral. Cabe ressaltar também que somente 25.031 moradores (18%) completaram o ensino médio e 22,6% evadiram; 25.866 (37,6%) da população completou o ensino fundamental; e 11.145 (8,01%) nunca frequentaram a escola.

É nítido, portanto, que a Maré apresenta alguns traços de desigualdade social similares aos descritos por Silva (2012),

[...] a sua associação com a pobreza econômica; a falta de formação escolar; a predominância do trabalho manual; o fenótipo dos moradores - em sua maioria - pretos ou pardos; a precariedade das moradias, dos serviços e equipamentos urbanos; a origem nordestina, região considerada ‘problema’ no país, a ocupação ilegal de terras; a falta de pagamento de taxas e impostos diversos, etc. (SILVA, 2012, p. 428).

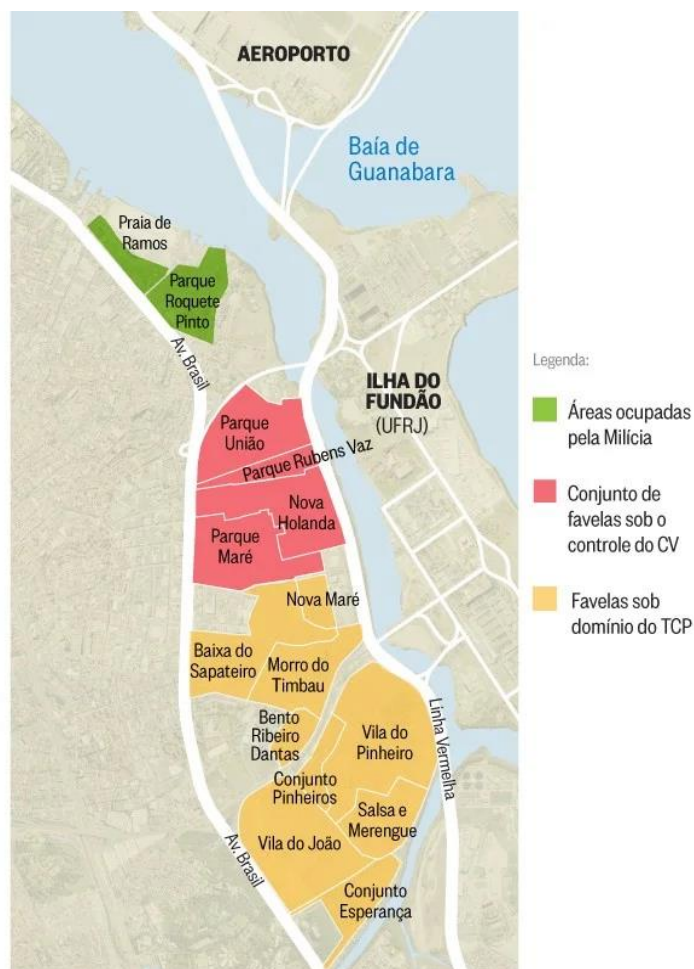
Se somarmos esses traços com a presença maciça do narcotráfico e um poder policial que age violentamente, aliado ainda à falta de políticas públicas de inclusão e geração de renda, temos conseqüentemente a violência se manifestando progressivamente e acirrando ódios e

preconceitos entre os moradores não apenas das favelas da Maré, mas de qualquer outro espaço periférico.

## 2.1.A MARÉ E A DISTRIBUIÇÃO DA VIOLÊNCIA ARMADA

A presença da violência armada no Complexo de favelas da Maré resulta em um ambiente de insegurança e medo, enfraquecendo a qualidade dos serviços públicos e gerando severamente um fator desafiador para a garantia do Estado democrático de direito. A partir desse ponto de partida, chegamos à nossa problemática central: a violência armada. Utilizarei nesta pesquisa a expressão “tricotomia armada”, uma vez que o poder do crime armado divide-se em três grupos distintos que disputam o controle do território, são eles: o Comando Vermelho (CV), um grupo armado miliciano e o Terceiro Comando Puro (TCP), sendo que este último terá um enfoque maior nesta pesquisa. Abaixo, segue um mapa que ilustra como funciona a distribuição da tricotomia armada na região:

**Mapa 2: DISPUTAS ARMADAS NO TERRITÓRIO DA MARÉ**



As áreas verdes são de grupos paramilitares (milícias); o vermelho e o amarelo são de dois grupos armados.  
Fonte: O Globo, 2017

Convém destacar que esta distribuição dos grupos armados ainda se mantém em 2022. Souza detalha um pouco essa história. Em 2006,

Havia na Maré quatro grupos criminosos que dominavam os diferentes territórios locais: três eram vinculados às facções criminosas do tráfico de varejo – Comando Vermelho, Terceiro Comando e Amigos Dos Amigos (ADA), e o quarto era constituído por um grupo de milicianos. Em 2010, a facção ADA foi expulsa pelo Terceiro Comando, permanecendo, então, os três outros grupos. As milícias são grupos criminosos formados, em geral, por integrantes do aparato de segurança do Estado, tais como policiais, agentes penitenciários e bombeiros. Os criminosos que integram as diferentes milícias que agem nas favelas cariocas ocupam comunidades populares e controlam uma série de atividades econômicas, normalmente ilegais ou informais, como transporte alternativo, TV por assinatura clandestina, monopólio da venda de produtos específicos (como o gás de uso doméstico), além de cobrarem taxas de proteção. Como forma de legitimação, os milicianos supostamente oferecem serviços de segurança à população de áreas antes dominadas pelo tráfico, expulsando os traficantes e reprimindo o uso e a venda de drogas.  
(SOUZA, p.15, 2015)

Levando em consideração a vasta expressão geográfica da Maré, configurando-se como o maior conglomerado popular da capital fluminense, e a existência da tricotomia armada, fica evidente que a vida dos moradores é extremamente vulnerável.

Em vista disso, as contribuições do camaronês Achille Mbembe (2011), apresentam elementos pertinentes para esta pesquisa. Ao abordar o que ele chamou de necropolítica, o autor reflete a respeito de um conjunto de violências ocorridas na Palestina, mas que não estão tão distantes de serem experienciadas na atual realidade brasileira e, especificamente, no Complexo de favelas da Maré e em outras favelas, uma experiência brutal de necropoder, que se resume à capacidade de decidir quem pode viver e quem deve morrer (MBEMBE, 2011, p.19). Não há dúvida de que é a experiência da violência armada vivenciada pelos moradores das favelas da Maré é a do necropoder, se tomarmos como base, por exemplo, os dados da iniciativa *De Olho na Maré!* do eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré, que coleta dados desde 2016, a respeito da violência armada nas favelas deste território. Todo esse processo resulta num panorama evidente de insegurança urbana. Um projeto de segurança pública fracassado, resultando numa experiência crônica de injustiça, desrespeito, medo e dor da parte da população local. Entre 2017 e 2021 houve 132 operações policiais e 114 disputas entre os grupos armados nas favelas da Maré. Juntos, estes 246 momentos de conflito causaram 157 mortes e interromperam, por 94 dias, o funcionamento das unidades de saúde, e por 70 dias as aulas nas escolas.

Trago ainda para a conversa o conceito de violência de CHAUI (2000), i.é. a violação da integridade física e psíquica, da dignidade humana de alguém. Embora aqui estejamos trabalhando sobre violência armada, fica clara a aproximação do conceito de Chauí com a realidade dos moradores da Maré, uma vez que o impacto na integridade física põe em risco a saúde do corpo que pode ser ferido de forma direta, já a integridade psíquica impacta na saúde, em específico o emocional, gerando o medo.

### **3.METODOLOGIA DA PESQUISA**

A abordagem utilizada nesta pesquisa se baseia em uma escuta atenta da fala dos informantes, que me permitisse uma descrição e reflexão sobre os elementos subjetivos que se relacionam com discursos presentes na linguagem utilizada por eles. Assim, essa coleta discursiva permite projetar com segurança as práticas simbólicas de domínio e de poder que perpassam a vida desses jovens. Portanto, a abordagem demonstrou que o discurso pode atuar como uma ferramenta de visão e ação social, pois levanta questionamentos para promover mudanças significativas na vida de grupos inseridos dentro dessa dinâmica armada. Nas transcrições das falas apresentadas nessa monografia preservei ao máximo a integridade dos enunciados dos entrevistados, mantendo os “erros” de concordância e de gramática, segundo a norma culta, por serem essenciais, acredito eu, para a devida compreensão dos conteúdos apresentados. Os elementos linguísticos na análise das falas trazem marcas dos valores e dos desejos desses jovens dentro da realidade do narcotráfico implícitos nas redes de práticas sociais.

Convém mencionar que, para melhor facilitar a leitura e preservar a integridade de suas identidades, aqui não usaremos os seus nomes ou apelidos, adotamos nomes fictícios, no entanto, a idade e demais características foram preservadas. Foram entrevistadas 3 pessoas do sexo masculino, todos autodeclarados pardos. João, de 18 anos, Márcio de 17 anos e Paulo de 21. Inseridos ao menos há mais de um ano e meio na facção TCP.

O critério de avaliação desta pesquisa foi de abordagem qualitativa. Os textos que compõem o corpus de estudo foram selecionados e apresentados sob a forma de excertos relevantes e representativos.

A figura 1 representa um esquema de distribuição do número de encontros com cada entrevistado e suas respectivas datas.



Figura 1 - Distribuição de encontros com os entrevistados

Nome	Nº de encontros	Data dos encontros
João	4	outubro de 2019 nov de 2019; jan de 2020; março de 2020;
Márcio	5	nov 2019 dez 2019; jan 2020; fev 2020; março 2020;
Paulo	3	nov 2019; dez 2019; jan 2020

Todos os encontros duravam por volta de 20 a 40 minutos. Nos dois primeiros encontros foram dispensadas anotações, precisei detalhar o objetivo da pesquisa e tentar criar um vínculo de cuidado e proximidade com os entrevistados. Toda a coleta foi efetuada através de anotações sobre suas respostas em um caderno. Como já disse, não foi utilizado nenhum aparelho audiovisual (câmera, gravador, celular, etc.) por questões de segurança e esse procedimento foi um acordo pré-estabelecido com os entrevistados.

Ao longo do processo, a partir de 11 de março de 2020, ocorreu a COVID-19, caracterizada pela OMS como uma pandemia. Isso afetou o andamento da pesquisa e a coleta de falas desses jovens, gerando conseqüentemente uma interrupção das análises e dos encontros. João e Márcio foram, portanto, os últimos entrevistados, como consta na tabela 1 apresentada acima.

#### **4. NÓS QUE PASSA A VISÃO**

Convém salientar que dentro da dinâmica do narcotráfico, há uma hierarquia que precisa ser apresentada para fins de melhor entendimento e descrição dos entrevistados,

#### **A HIERARQUIA DO TRÁFICO**

DONO DO MORRO - é o cargo mais alto no morro. Ele é o dono da boca, e por isso recebe os lucros. No caso de morte ou prisão, seu cargo geralmente é ocupado pelo gerente geral. Não há idade mínima para ser "dono".

GERENTE GERAL - é o responsável pela administração da boca.

GERENTE DO BRANCO - é o responsável pelo tráfico de cocaína no morro.

GERENTE DO PRETO - é o responsável pelo tráfico de maconha no morro. Os gerentes (tanto de cocaína quanto de maconha) têm normalmente mais de 18 anos.

RESPONSÁVEL PELAS ARMAS - cuida do armamento do morro. É uma espécie de subgerente da boca.

SOLDADO - usa armas pesadas, faz a segurança dos morros e participa das guerras. A preferência é para quem já serviu o exército (por que sabe manejar armas), mas há alguns soldados com 15 anos.

VAPOR - cuida da venda das drogas dentro da boca.

AVIÃO - vende drogas para as pessoas que vão comprá-las no morro. Geralmente são crianças de 7 a 12 anos.

VIGIA OU OLHEIRO - fica vigiando a entrada do morro para ver se a polícia ou inimigos estão subindo. A preferência é para crianças e deficientes físicos.

FOGUETEIRO - solta fogos avisando da chegada da polícia ou de inimigos. Pode ter qualquer idade.<sup>2</sup>

Uma observação que precisa ser considerada a respeito de uma das posições listadas acima, é que se usa com mais frequência *fogueteiro* no lugar de *vigia*. Nesse sentido, todos os entrevistados ocupam o cargo de olheiro ou fogueteiro, ou seja, ficam em espaços estratégicos da Maré e alertam, por meio de rádios transmissores ou fogos de artifício, a chegada da polícia ou de grupos rivais. João, assume o posto que ocupa e tem séria dimensão da demanda imposta a ele pela sua função.

*Pô nós que passa a visão para a tropa e alerta o morador... a gente não quer ver ninguém morto não... quando os caras entra, já passamos o rádio pra não ter problema. Por isso que colocamos mais barricadas, pra atrasar os caras (polícias militares e/ou grupos rivais) e os morador se abrigarem. Ainda mais em dia de escola, fica foda... é complicado, mas tem que ser assim.* (JOÃO, entrevista de novembro de 2019)

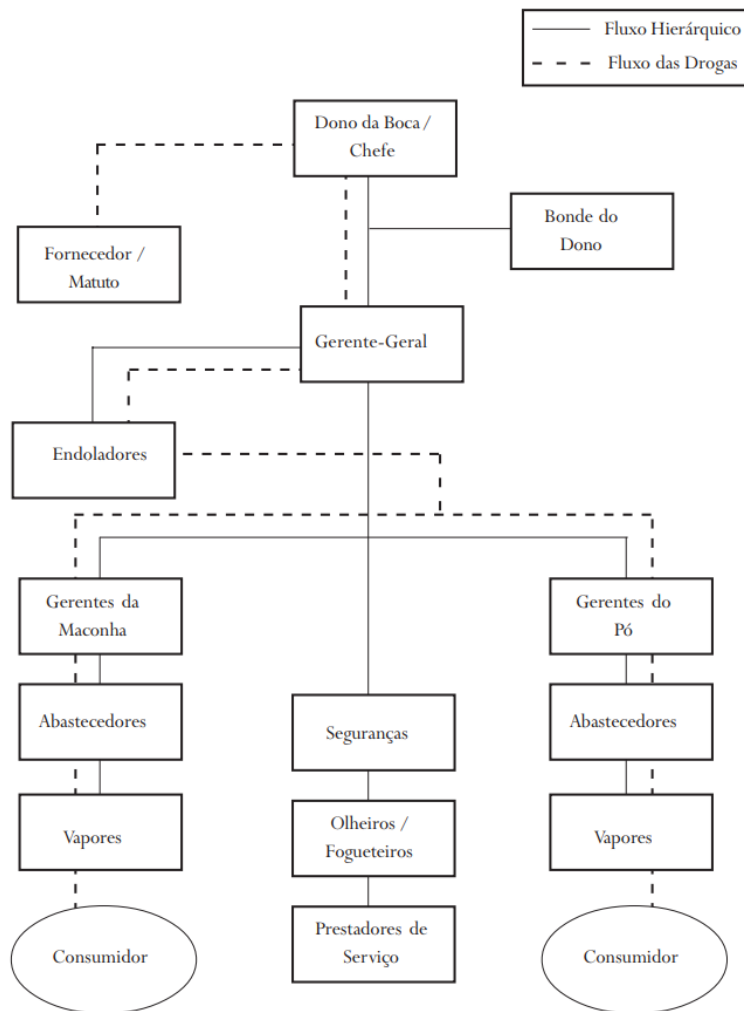
O título deste capítulo provém de um trecho dessa fala. Dessa maneira, gostaria de sinalizar que o meu propósito aqui não é apenas analisar o discurso explicitado nessas falas, mas atentar para quem enuncia e o modo como enuncia cada fala. O objetivo dessa pesquisa não se limita apenas a interpretar as falas, mas a ter um olhar crítico sobre quem e como fala.

Assim como o termo *fogueteiro* é mais comumente usado, isso pode acontecer em outras literaturas que abordam essa temática, termos distintos, correspondendo ao mesmo significado. Como podemos ver a seguir na figura que apresenta um plano de carreira

<sup>2</sup> FOLHA DE SÃO PAULO (São Paulo) (org.). **A HIERARQUIA DO TRÁFICO**. 1994. Folha de São Paulo | Índice Geral. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/5/02/folhateen/3.html>. Acesso em: 04 maio 2021.

profissional para os participantes no tráfico, com a possibilidade de ascensão e aumento na remuneração a partir do desempenho e da produtividade de rotina no tráfico de drogas.

Figura 2 - Estrutura Organizacional e Fluxo das Drogas em uma Boca-de-Fumo



Fonte: Pesquisa de Campo DCS/ENSP/FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2000.

Um dos pontos em comum desses três jovens é a autodeclaração racial: todos se apresentaram como pardos. No entanto, devemos ter um olhar atento para o perigo dessa atribuição racial associada à criminalidade: isso pode gerar interpretações racistas e deterministas, como a generalização banal e estapafúrdia segundo a qual todo jovem negro, seja ele preto ou pardo, morador de favela, tem associação com o tráfico de drogas. Gostaria

que ficasse claro que o objetivo desse trabalho é ampliar a discussão sobre a temática da violência através de dados quantitativos e através da perspectiva qualitativa conferida pelos olhares dos entrevistados. Acreditamos que assim estaremos contribuindo para entender como essas situações vão sendo incorporadas no dia a dia do narcotráfico.

Iniciar este capítulo atenuando e contextualizando essa dimensão em comum, tem como propósito real mostrar que está em jogo neste trabalho um olhar crítico, analítico, individual reconhecida e admitida pelos próprios sujeitos. Diante das reflexões elencadas, o entrevistado Márcio detalha essa dimensão ao ser perguntado sobre como se autodeclara, se ele se acha preto, pardo, branco, indígena, amarelo, sendo lhe ainda dada a opção de não saber. Além disso, foi perguntado também como ele acha que se configura a distribuição de raça nas favelas que ele circula dentro da Maré.

*Cara, pô... branco com certeza não sou... não sou muito preto, tá ligado? Mas entro como pardo. Na rotina da boca<sup>3</sup> e daqui da favela tem muito preto e pardo...poucos brancos. Mas tem muito playboy branco da Zona Sul e até da Barra que brota aqui pra comprar as paradas (drogas ilícitas), uns chega até com a mina filha de doutor... esses advogados aí, entendeu?*

(MÁRCIO, entrevista de dezembro de 2019)

É interessante destacar nesta fala que o entrevistado aponta para a diferença de papéis de raça dentro e fora da Maré. Além disso, a fala de Márcio entra em consonância com o Censo Populacional da Maré de 2019, segundo o qual mais da metade da população local é negra.

Cabe ainda mencionar a sutil análise de classe que o entrevistado faz ao descrever o perfil da branquitude dos clientes que entram na favela para comprar e consumir as drogas ilícitas vendidas na região. Davis (2016) aponta que as opressões de gênero, raça e classe não podem ser tratadas como questões desligadas e individuais. Há uma combinação de abusos entre elas que se aglutinam para sustentar os projetos de dominação de classe no contexto do modo de produção capitalista e escravagista.

Diante disso, o processo de escravidão existente no Brasil resulta até hoje numa vulnerabilidade econômica e social que ao mesmo tempo que fere, exclui e segrega a negritude, acaba privilegiando a branquitude, já que, como podemos ver no relato, a branquitude, proveniente, por exemplo, da Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio, ou até mesmo da Zona Sul, ou da região da Maré, na Zona Norte, transita livremente pela favela sem medo de alguma

---

<sup>3</sup> Ponto de drogas, popularmente chamado de boca de fumo, refere-se ao local, geralmente um barraco ou botequim, onde é feita a venda de drogas ilícitas

abordagem policial. Marcio reconhece esse fator ao ser perguntado sobre o que ele sente ao ver esse grupo branco de maior poder aquisitivo transitando na favela para comprar drogas.

*Cara, eu tô nem aí para eles... nem me importo. Eu faço o meu e eles fazem o deles. É problema deles se querem comprar pó e maconha e trazer dinheiro pra gente, mas é foda ter gente morrendo aqui quando os cana entra com o caveirão<sup>4</sup> e no condomínio deles... esses filhos da puta só falta fazer carinho... lá ninguém morre, tá ligado?*

(MÁRCIO, entrevista de novembro de 2019)

A representação do território sugerida pela fala de Márcio, pode ser relacionada à tese apresentada por SANTOS (2000) segundo a qual a favela caracteriza-se como um todo complexo, onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Márcio tem profunda dimensão da relação conflitante envolvida na vida de um morador de favela, ao apontar as configurações materiais e simbólicas que incidem sobre a vida deles se comparadas ao grupo de bairros nobres e de maior poder aquisitivo, no que toca a dinâmica da violência policial. Trata-se, portanto, de uma forma de violência já sistematizada pela instituição militar, que atinge preferencialmente as favelas e a população negra.

A partir da fala de Márcio e a conceituação de território abordada acima, pode-se concluir que quando pensamos o racismo impregnado na ação policial que está sendo diretamente vinculada por uma instituição do Estado, urge a necessidade de trazer a questão do racismo institucional. Essa modalidade de racismo, como pontua ALMEIDA (2019), revela a forma como uma instituição compactua com ele e o põe em prática, tornando-se, portanto, o seu próprio meio de funcionamento, conferindo privilégios e desvantagens baseados na clivagem racial, com o objetivo de manter a hegemonia de um grupo racial no poder.

Ainda no que toca esse parâmetro racial, Achille Mbembe (2018) alega que a necropolítica é a forma de gestão da vida por meio da produção sistemática da morte. Nesse momento ocorre ainda a suspensão do Estado de direito e a instalação do Estado de exceção, em que se suspendem os direitos e o exercício de poder sem qualquer respaldo jurídico, resultado particularmente severo do exercício da dominação (Mbembe, 2018).

De modo semelhante, Paulo tem a percepção e convive com essa sistematização da morte, ao ser perguntado se ele reconhece os riscos de estar inserido dentro de um grupo armado que põe em risco a sua vida.

*Parceiro, aqui é muita correria, tá ligado? Minha mãe passava um aperto*

---

<sup>4</sup> Nome popular do carro blindado usado pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro durante operações policiais.

*antes de nascer... quase morri no parto, porque ela não comia bem. É foda... Minha mãe é preta mesmo, eu já sou um pouco claro, mas já sentia a dor antes de nascer. Ela me criou sozinho, nunca vi meu pai, nem sei se tá vivo ... hoje a minha velha tem comida na mesa e roupa. Eu tô ligado que essa porra de vida a gente fica entre o céu e o inferno e não quero isso pro meu filho não, mas preciso da grana. Já fui preso e lá só me fez mais sentir ódio da porra toda, tinha PM que batia até desmaiar... Só quero hoje meu filho estudando, cuidar da minha velha e curtir o meu baile de boa.*  
(PAULO, entrevista de dezembro de 2019)

Na fala Paulo afirma o seu direito à alimentação, ao mencionar, por exemplo, a vida da mãe durante sua gestação enquanto uma mulher negra, pobre e que criou sozinha o filho. A Constituição Federal brasileira assegura o direito humano à alimentação adequada como um direito fundamental para todos os cidadãos. Isso significa que o Estado tem a obrigação de garantir o acesso a alimentos em quantidade, qualidade e diversidade suficientes para atender às necessidades nutricionais de cada indivíduo. O direito humano à alimentação está sinalizado no artigo 6º da Constituição Federal:

Art. 6º - São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma da constituição.

Esse direito não se limita apenas à disponibilidade de alimentos, mas também inclui o acesso à água potável, saneamento básico, educação alimentar e outros aspectos relacionados à segurança alimentar e nutricional. No entanto, a experiência vivida pela mãe de Paulo, ainda se repete no atual cenário nacional. De acordo com dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2017-2018, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 10,3 milhões de brasileiros vivem em situação de insegurança alimentar grave, o que significa que passam fome ou correm o risco iminente de passar fome. Outro dado preocupante é que o Brasil é o país da América Latina onde a fome mais cresceu nos últimos cinco anos, segundo o relatório anual do Programa Mundial de Alimentos (PMA), divulgado em 2020.

Percebemos também que a fala dele revela um mecanismo cruel de exclusão política, ao mesmo tempo em que molda sua subjetividade adoecida pela experiência durante a própria gestação e experiência carcerária. A desassistência nos serviços públicos pouco investidos pelo Estado, ou por qualquer órgão público, revela a lógica da necropolítica, sendo um fator determinante de casos de adoecimento, causando a morte material e simbólica de indivíduos como Paulo.

Outrossim, a fala do jovem é permeada de elementos situacionais que mostram uma preocupação com o seu núcleo familiar. Para ele, estar dentro do narcotráfico é como estar “entre o céu e o inferno”, ou seja, embora seja uma fonte de renda que preencha as necessidades dele nos momentos de lazer ou demandas financeiras da mãe, reconhece que em qualquer momento essa fonte pode acabar, seja com ele morto ou seja com a volta para o sistema carcerário. A vivência de Paulo no presídio mostra-se eficaz enquanto instrumento de consolidação de um projeto genocida. Paulo responde de maneira compreensível com um sentimento de ódio pelo sistema, o que confirma a análise contundente de Juliana Borges (2019):

O sistema de justiça criminal tem profunda conexão com o racismo, sendo o funcionamento de suas engrenagens mais do que perpassados por essa estrutura de opressão, mas o aparato reordenado para garantir a manutenção do racismo e, portanto, das desigualdades baseadas na hierarquização racial. Além da privação de liberdade, ser encarcerado significa a negação de uma série de direitos e uma situação de aprofundamento de vulnerabilidades. Tanto o cárcere quanto o pós-encarceramento significam a morte social desses indivíduos negros e negras que, dificilmente, por conta do estigma social, terão restituído o seu status, já maculado pela opressão racial em todos os campos da vida, de cidadania ou possibilidade de alcançá-la. Essa é uma das instituições mais fundamentais no processo de genocídio contra a população negra em curso no país. (BORGES, 2019)

Infere-se que há uma interação entre o racismo e o sistema carcerário no Brasil, remontando violências coloniais com o consentimento do Estado responsável por uma falha visível na legislação. Michel Foucault (2005), ao denominar o que ele chama de ‘Racismo de Estado’, aponta que:

Com efeito, o que é racismo? É, primeiro, o meio de introduzir, afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu de um corte: um corte entre o que deve viver e o que deve morrer. No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior de uma população, uns grupos em relação aos outros (FOUCAULT, 2005, p. 304).

É evidente que há uma delimitação, na verdade, uma seleção, do corpo que pode viver e do corpo que não pode viver, categorizando isso através de fatores biológicos como o tom de pele que mobilizam as relações de poder. Ainda sobre este cenário de opressão das tensões raciais, fica nítido que tais ações configuram o uso do biopoder sobre a população favelada. Segundo o Instituto Fogo Cruzado, 8 adolescentes foram baleadas na Maré de 2018 a 2020 – 3 morreram. Entre os mortos, está um adolescente, de 14 anos, morto por uma bala perdida durante uma operação policial enquanto estava a caminho da escola.

Esses dados caracterizam o uso do biopoder e dos mecanismos de controle sobre a

população das favelas da Maré, o cenário da violência a céu aberto, efeitos do desejo de punir, colocando em risco os moradores da região. Portanto, enquanto continuarmos com a política atual de exclusão e extermínio, estaremos longe de uma redução de danos para o bem social. Urge a necessidade de discussão do Judiciário e dos sistemas prisionais, já que o retrato atual que se tem ainda é o mesmo vivenciado por Paulo, ao falar que “tinha PM que me batia até desmaiar(...)”, uma vivência que não é um caso isolado. Casos como esse resultam em índices maiores de criminalidade e violência na sociedade, regulando a distribuição da morte e tornando possíveis as funções assassinas do Estado (MBEMBE,2018, p. 18).

## 5. RACIONAIS NA VIDA DELES

Com o andamento da pesquisa e a coleta de falas dos jovens, fui aos poucos descobrindo o meu interesse mais profundo nas entrevistas: o meu interesse maior não era tanto se ocupar da construção e da reprodução das noções que perpassam a canção *Capítulo 4, Versículo 3*, do grupo Racionais MC's, mas, na verdade, uma análise aprofundada das vidas tematizadas pelo rap, que vai muito além do que o grupo de rap dizia na composição. Por conseguinte, tal compreensão permitiu levantar e explorar as formas de como o significado é construído e transmitido através do uso da linguagem, abordando questões complexas e multifacetadas.

No entanto, eu não poderia deixar de mencionar o papel imprescindível do rap no sentido de se transformar o conceito tradicional de literatura. Há sim uma certa percepção conservadora sobre essa questão, uma vez que alguns críticos apresentam uma ausência de perspectiva e rigidez em sua abordagem, rejeitando manifestações que não se encaixam em padrões estéticos estabelecidos, sem considerar o contexto social, cultural e histórico em que foram criadas. Essa visão cristalizada e monótona da literatura, tende a prestigiar apenas a forma e não o conteúdo da obra, limitando e até mesmo apagando sua capacidade de apreciar a diversidade e a inovação na literatura.

Antonio Candido (1987) argumentava que a literatura pode: a) refletir a realidade, já que possibilita a abertura de uma janela para o mundo, exibindo condições sociais, políticas e culturais de uma época ou do tempo presente, fornecendo ainda uma visão crítica sobre a realidade; b) educar e formar, já que pode agir como mecanismo de fonte de ensinamentos e valores; c) sensibilizar, já que ela pode despertar emoções variadas e as mentes dos leitores, ajudando-os a compreender e empatizar com as diferenças subjetivas; e, por último, d) promover mudanças, visto que pode ser usada como um meio de resistência e denúncia de problemas sociais, ajudando a promover mudanças positivas na sociedade.



Embora o rap não seja um objeto de estudo de Candido, a argumentação dele pode ser aplicada quando pensamos essa forma musical enquanto também uma forma de literatura. Ainda que não siga as convenções da literatura tradicional, como a utilização de narrativas complexas, é notório que o rap é uma forma popular e influente de expressão cultural que tem tido um impacto significativo na sociedade e na política, posicionando-se como uma forma de resistência e denúncia de problemas sociais, como a discriminação racial, a pobreza e a violência policial nas favelas e periferias.

É inegável que o rap é um meio importante de arte e expressão cultural, e ainda cumpre o papel da literatura já que os Racionais Mc's, por exemplo, entram como autores e através do rap utilizam esse aspecto para compreender e refletir sobre as questões sociais, políticas e econômicas relevantes para a sociedade. Foi tendo isso em vista que, nos primeiros encontros, na fase inicial desta pesquisa, perguntei aos entrevistados sobre o entendimento deles em relação à literatura.

Importante esclarecer que os três entrevistados estudaram até o 1º ano do ensino médio em instituições públicas de ensino. Durante os primeiros encontros, ao tentar compreender como foi o ensino de literatura desses jovens, suas falas reforçaram uma abordagem da literatura canônica nessas instituições que nos coloca distantes de um currículo minimamente atento aos significados sociais da educação, muito distante, por exemplo, de uma proposta alicerçada a uma pedagogia crítica.

Desse modo, perguntei a eles o que é literatura e como avaliam a leitura durante o percurso escolar. João explicou que sua experiência literária foi limitada à memorização de fatos para a prova.

*cara, eu tinha uma professora maneirinha...mas, em toda aula tinha um livro enorme e eu via umas poesias de uns maluco de terno e barbudo... umas palavras difíceis que achava chata pra caralho. Eu só tinha que decorar aquilo para a prova e passar de ano. (JOÃO, entrevista de outubro de 2019)*

Márcio também expressou o mesmo descontentamento:

*A minha professora mandava ler umas porrada de texto... bagulho chato pra caralho e se não lesse, eu tirava zero. Tinha até uns textos maneirinho, mas eu ficava nervosão pra prova e aquilo ficava chato, tá ligado? (MÁRCIO, entrevista de novembro de 2019)*

Ambos partem do mesmo sentimento, revelam um método de ensino que tende a priorizar a produção de boas notas nas provas, ao invés do desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e compreensão profunda da literatura. Considerada a disciplina literária no

ensino atual, conforme se pode depreender dessas entrevistas, há pouca probabilidade de que os Racionais MCs possam ser também considerados literatura.

### 5.1. A CANÇÃO “CAPÍTULO 4, VERSÍCULO 3”

No entanto, ainda que tenham uma visão fechada da literatura, é perceptível pelas falas dos entrevistados que eles percebem com grande sutileza a qualidade musical-poética de *Capítulo 4, versículo 3*, ouvida no celular de cada um, e a sua importância cultural.

*Esse início da música é foda... tem uma vibe de jazz... e quando o cara fala “aqui quem fala é primo preto, mais um sobrevivente”, eu me vejo nele, tá ligado? E esses dados do início? minha cabeça explode. Porra... “Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros”, ele diz isso... papo reto! Tu é preto e faz faculdade... tá aí escrevendo, estudando, mas eu tô aqui e posso morrer amanhã. Nem tudo da nossa favela tem chance de entrar na faculdade. Porra a gente tá a 10 minutos de distância de uma faculdade... e poucos morador aqui estão lá. Essa música é do caralho... consegue sentir?* (MÁRCIO, entrevista de novembro de 2019)

A força discursiva dos Racionais MC 's toca em Márcio, a reação é entusiasmada, fazendo-o, ao mesmo tempo, refletir de maneira íntima sobre o local em que vive. É perceptível que os Racionais MC's funcionam como um tipo de crônica na sua visão, apenas pelo fato de conter uma descrição similar à da rotina da favela. Adicionalmente, ainda sobre os instantes iniciais da música, ele destaca os dados, citando a canção: "*60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial / A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras / Nas universidades 192 brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros / A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo / Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente*". Até hoje, as estatísticas ainda não mudaram significativamente e estamos longe de uma possível mudança.

Segundo o relatório anual de 2022 do Instituto Fogo Cruzado, o Complexo de favelas da Maré lidera o ranking dos bairros mais atingidos pela violência armada, sendo o local que ocupa as cinco primeiras posições em todas as estatísticas monitoradas pelo Fogo Cruzado (total de tiroteios, tiroteios em ações e operações policiais, mortos e feridos). Outrossim, as estatísticas da música se aprofundam ainda mais na questão da violência policial, os dados apontam uma análise crítica do genocídio do povo negro no Brasil, conforme célebre análise de Abdias Nascimento (1997), e a existência de uma estrutura sistêmica de opressão e discriminação que leva a uma desproporção alarmante na mortalidade e nas taxas de violência enfrentadas por negros, em comparação a outros grupos étnicos.

O rap, cantado na 1ª pessoa do singular, com o sujeito poético expressando situações e experiências, operando similarmente a um narrador-personagem, provoca ainda mais Márcio ao trazer dados educacionais: *Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros*. Ao escutar esse trecho, ele sinaliza em tom de indignação e insatisfação, apontando o dedo para mim enquanto um jovem negro, morador da Maré, mas estudante universitário: *“Tu é preto e faz faculdade... tá aí escrevendo, estudando, mas eu tô aqui e posso morrer amanhã”*. Ele vai mais além na questão da precariedade nas instituições de ensino, e propõe uma discussão de base geográfica, argumentando sobre a discrepância do perfil de pessoas que estudam na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Cidade Universitária, na Ilha do Governador, com o bairro Maré. O Censo Maré 2019 confirma a percepção de Márcio: em relação ao ensino superior, 1.334 (0,96%) moradores concluíram a graduação. O Censo mapeou ainda 366 que a interromperam (sem concluir) e 1.651 que estão cursando. Da mesma forma, cabe anotar que 29,6% dos moradores chegaram ao ensino médio: 14.857 (10,7%) não o completaram; 23.014 (16,5%) concluíram, mas não entraram na graduação e 3.351 (2,4%) acessaram o ensino superior. Entre os que não completaram o ensino médio, 5.550 (4,0%) foram declarados cursando e 9.307 (6,7%) deixaram de frequentá-lo antes da conclusão.

## 6. CONCLUSÕES

Nos capítulos anteriores, foram apresentados trechos de falas de três jovens que atuam em uma das facções do Rio de Janeiro, na gestão do tráfico de drogas, que permitem vislumbrar aspectos de suas subjetividades. O foco na análise da significação, das intenções e das perspectivas deste grupo, foi avaliar as relações de poder que se estabelecem entre esses jovens e as representações sociais veiculadas por elas.

No início do texto, o objetivo principal foi uma apresentação geográfica do território da Maré e todas as favelas que o local compõe, visando um norteamento a respeito das dinâmicas e as características locais, as suas forças e fraquezas, e as relações entre os moradores

Dessa perspectiva, podemos observar os processos de violência armada e como são subdivididos. Cunhei o termo “tricotomia armada” para explicar a ramificação dos três grupos e as favelas em que estão distribuídos. Tornou-se fundamental ainda, evidenciar dados para uma reflexão acerca do grau em que a exposição à violência armada compromete o acesso aos serviços de educação, saúde e, principalmente, põe em risco a vida da população local.

A metodologia na qual baseou-se a pesquisa foi cunhada por mim mesmo baseando-me para tanto em experiências anteriores. Ela consistiu em uma série de encontros individuais, sem

nenhum gravador ou aparelho tecnológico de captação de áudio, apenas com um bloco de anotações. Nas transcrições, procurei preservar ao máximo a integridade das falas, deixando-as próximas da oralidade, já que os processos e as condições envolvidas partem da dimensão subjetiva, relacionada a aspectos como a percepção individual do local em que vivem, a experiência carcerária, seus sonhos e desejos.

Para entender o trabalho no qual estavam envolvidos os entrevistados, tive que investigar o funcionamento hierárquico interno do tráfico de drogas. O que me permitiu entender as estratégias de negociação e tomada de decisão dos sujeitos envolvidos, elucidando, assim, as dinâmicas sociais e econômicas que organizam essas subjetividades e sua relação com o crime organizado.

Cabe salientar que a hierarquia do tráfico de drogas pode variar de acordo com a região e organização criminosa em questão, mas a facção aqui analisada segue uma estrutura similar apresentada na figura 2 acima, onde os líderes ou o dono do morro são responsáveis por tomar decisões estratégicas, como: aquisição de drogas, controle territorial e negociações com outros grupos criminosos. Logo abaixo estão os gerentes gerais ou chefes de área, que supervisionam as atividades em uma determinada região ou bairro, como a venda de drogas, recrutamento de membros e cobrança de dívidas. Os soldados são responsáveis por executar as atividades de base, como a venda direta de drogas, a proteção do território e a realização de atividades ilícitas como roubos e sequestros. E, por último, os fogueteiros, o cargo mais baixos na hierarquia da organização dedicada ao comércio de entorpecentes. Geralmente, os fogueteiros são responsáveis por realizar a entrega de drogas em pontos de venda, levando consigo pequenas quantidades de drogas em seus bolsos ou mochilas, além de alertar a entrada de grupos rivais ou da polícia militar.

Os três jovens entrevistados neste trabalho ocupam o cargo de fogueteiros. Embora seja o cargo de menor prestígio dentro desse sistema, eles reconhecem a busca pelo lucro fácil e a ostentação. Ainda que admitam que tentaram buscar renda por meios legítimos, encontraram dificuldades, como principalmente a falta de oportunidades de trabalho e estudo.

Como expliquei acima, a proposta inicial da pesquisa era refletir sobre a música *Capítulo 4, Versículo 3*, mas com o andamento dos encontros com os jovens, senti a necessidade de mudança, decidindo mudar o foco da análise para se debruçar sobre a vida de cada um. No entanto, não foram descartadas algumas falas e opiniões que se inseriam no projeto inicial, que acabaram sendo reaproveitadas. Uma das conclusões a que cheguei interessa profundamente a minha formação enquanto profissional de Letras. Ela diz respeito ao papel verdadeiramente *literário* manifestado pelo rap, com uma forte influência na vida desses

e outros jovens moradores de favelas e periferias, representando uma forma de expressão e de resistência cultural, permitindo-lhes se expressar e se identificar com a sua realidade.

Ainda que a experiência no ensino de literatura durante a escola tenha sido precária e desmotivadora, o que contém um triste diagnóstico sobre o conservadorismo da disciplina de literatura no ensino fundamental e médio brasileiro, os entrevistados captam a métrica, as rimas e poesia em Racionais MC's, sendo para eles uma forma de expressar suas vivências e opiniões, permitindo que esses jovens se reconheçam e se identifiquem com uma realidade que muitas vezes é invisibilizada pela sociedade. Parece-me que essa dimensão da pesquisa contém cifrada a necessidade de se repensar o que entendemos por literatura, hoje em dia, estendendo os limites disciplinares desse campo, de forma a incluir uma dimensão da palavra não impressa, e da letra musicada como forma legítima de sensibilidade propriamente literária.

Como conclusão de fundo, parece-me essencial que futuras pesquisas analisem profundamente a questão do “direito de escolha” mobilizado quando um jovem decide entrar no crime organizado, buscando compreender os fatores pessoais que incidem sobre esse movimento. Em suma, o estudo das dimensões subjetivas do narcotráfico é fundamental para entender um fenômeno complexo e multifacetado que afeta a sociedade em diversas áreas, incluindo a segurança, a economia, a política e a saúde pública, além de pôr a vida dos moradores de favelas em risco.

Ao investigar esses fatores, estaremos próximos de uma contribuição para a formulação de políticas públicas mais eficazes e abordagens mais abrangentes para lidar com essa questão. Analisar as falas desses jovens foi necessário para compreender as complexas interações envolvendo sujeitos considerados criminosos pela sociedade, e permitindo abordar essas questões de forma mais eficaz e justa.

É visível que o problema não está limitado às favelas, compreendendo um somatório de fatores. As condições sub-humanas nas prisões, a violência policial com suas raízes nas desigualdades estruturais, incluindo o racismo, a discriminação social e a falta de acesso a serviços básicos, como saúde e educação apenas alimentam a violência e põe os moradores na linha de tiro, aniquilando sonhos, desejos e objetivos.

O cenário está longe de ser promissor, a violência existe na favela da Maré ou em qualquer outra favela carioca, mas é necessário lembrar que o mesmo indivíduo branco, morador da classe média entra nesses locais para consumir drogas ilícitas e vender no próprio condomínio. A abordagem policial em áreas urbanas de classe média ou alta diverge da abordagem policial ao morador de uma quitinete que trabalhou muito para conseguir comprá-la. A diferença está justamente na sua visão de favela, os estereótipos são geralmente baseados

em percepções superficiais e em preconceitos que estão cada vez mais vivos no imaginário social. É importante tentar compreender e apreciar a diversidade e a complexidade das favelas e de seus moradores, em vez de simplesmente reproduzir estereótipos negativos que apagam a diversidade das subjetividades em jogo nesses imensos territórios, insensíveis à produção intelectual e a criação de cultura proveniente desses locais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro/Editora Jandaíra, 2019, 264p.

CANDIDO, Antonio. "O escritor e o público". In: *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antonio. *O Direito à Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

*Censo Populacional da Maré / Redes da Maré*. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2019.

CENTRO DE EXCELÊNCIA CONTRA A FOME DO PROGRAMA MUNDIAL DE ALIMENTOS DAS NAÇÕES UNIDAS (WFP). Relatório anual 2020. Brasília, 2020. 29 p. Disponível em: <https://docs.wfp.org/api/documents/WFP-0000125229/download/>. Acesso em: 22 mar. 2023

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

FOUCAULT, Michel. "Aula de 17 de março de 1976" *Em defesa da Sociedade*. Curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 304-305

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da violência nas prisões*. 26. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GALDO, Rafael *et al.* *Moradores da Maré organizam ato pelo fim da violência na região: marcha contra reunirá cariocas de vários bairros no complexo de favelas*. *Marcha contra reunirá cariocas de vários bairros no complexo de favelas*. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/moradores-da-mare-organizam-ato-pelo-fim-da-violencia-na-regiao-21384663>. Acesso em: 10 maio 2022.

INSTITUTO FOGO CRUZADO (Brasil, Rio de Janeiro, RJ). *Relatório Anual Região Metropolitana do Rio de Janeiro 2022*. Instituto Fogo Cruzado | Relatório Anual - 2022 | Região metropolitana do Rio de Janeiro, [S. l.], ano 2022, p. 01-32, 10 jan.2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1bIDpZUQYi1ZkpXMz21QLP4z2TSkmBtIw/view?usp=sharing>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MBEMBE, Achile. *Necropolítica*. Espanha: Ed. Melusina, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018: análise da segurança alimentar no Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 65 p.

SILVA, Eliana Sousa, 1962. *Testemunhos da Maré / Eliana Sousa Silva*. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Mórula, 2015. 220 p.: il.; 21 cm.

SILVA, J. de S. et al. (Org.). *O que é Favela, Afinal?* Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.

SILVA, Luiz Antonio Machado da; LEITE, Márcia Pereira. *VIOLÊNCIA, CRIME E POLÍCIA: o que os favelados dizem quando falam desses temas?* Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n. 3, p.545-591, nov. 2007.

STORANI, P. Vitória. *Sobre A Morte: a Glória Prometida. O “rito de passagem” na construção da identidade dos Operações Especiais do BOPE/PMERJ*. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal Fluminense, 2008.

VERONESE, Josiane Petry. *Infância e adolescência, o conflito com a lei: algumas discussões*. Ed. Fundação Boiteux. Florianópolis. 2001, p 34.

## **LISTA DE MAPAS FIGURAS**

### **FIGURAS**

Figura 1 - Distribuição de encontros com os entrevistados	16
Figura 2 - Estrutura Organizacional e Fluxo das Drogas em uma Boca-de-Fumo	18

### **MAPAS**

Mapa 1 - BAIRRO DA MARÉ COM DESTAQUE PARA AS 16 FAVELAS	11
Mapa 2: DISPUTAS ARMADAS NO TERRITÓRIO DA MARÉ	13



